

BINGEMER, M. C. L.

Crise da paternidade. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, Brasil, p.7 - 7, 2002.

DIA DOS PAIS E CRISE DA PATERNIDADE.

Maria Clara Lucchetti Bingemer

A história recente de nossa sociedade e civilização é essencialmente a história da emancipação da humanidade, com respeito às concepções patriarcais e autoritárias da vida e da sociedade. Nossa época é aquela ao longo da qual acontecem batalhas por diversos tipos de libertação. Entre estas está a libertação da autoridade paterna, considerada como opressora e castradora.

Por outro lado, é fato que o esquecimento dos filhos marca igualmente nossa época. Convivemos com aumento assustador de crianças abandonadas, meninos de rua, jovens separados dos pais. Em nossas sociedades os filhos são colocados fora de casa, longe dos pais, apenas completados os 18 anos de idade, enquanto os pais velhos e anciãos são abandonados em asilos ou casas de idosos. Tudo isso, a nosso ver está profundamente ligado com a crise da imagem paterna, que tem sua raiz no afastamento de Deus-Pai, da paternidade divina, uma vez que denuncia o enfraquecimento de nossas próprias raízes.

Enquanto abundam os estudos sobre as conseqüências da privação do cuidado materno, não é dito o bastante sobre os efeitos devastadores da falta da figura paterna, que faz tanto ou mais vítimas que a primeira. Algumas doenças atuais como anorexia, bulimia, tóxico-dependência, que dizimam as últimas gerações de filhos, podem ser vinculadas diretamente – segundo os últimos estudos da psicologia - ao vazio da figura paterna. Também o aprofundamento de fenômenos tais como o neonazismo e outras formas de delinqüência juvenil reconduz à falta de uma figura masculina positiva, ligada a uma paternidade forte. Pois estar privado do pai – desde um ponto de vista humano e profundo - equivale a estar privado da espinha dorsal.

Nossa geração, portanto, a geração da emancipação sob todas as formas, é ao mesmo tempo uma geração de filhos sem pai. Há ausência de pai em termos terrenos e celestes, ou, em outras palavras, sociais e religiosos. O vazio da figura paterna deixou caminho livre nas sociedades mais avançadas ao crescimento deste subproduto que são as seitas, substituindo as religiões tradicionais. A falta do pai nas instituições de base, como a família, repercute na estrutura política, através do avanço dos sistemas totalitários e de conexas *figuras carismáticas*, nas quais é legível, a nível simbólico, a busca daqueles atributos paternos que são o ser juiz, protetor, etc.

Três metáforas descrevem com clareza a ideologia da morte do pai, presente em nossa civilização: a) a metáfora da mão: o trabalho, o provedor, o sustento; b) a metáfora da palavra: a narrativa, a tradição, a verdade; c) a metáfora do lugar: o enraizamento no solo, a identificação com a terra, com a paisagem, com a comunidade. Foi baseada nessas três metáforas que a figura do pai educou tantas gerações de filhos transmitindo a própria cultura. Era em nome do pai que se estabilizava a continuidade da história. O fim da credibilidade do pai é visível na grande incerteza do futuro e do passado que caracteriza nossa época. O enfraquecimento das três palavras de ordem das metáforas paternas (o

trabalho, o sentido de identidade pessoal da descendência, o enraizamento num lugar específico) rompeu a base que suportava as angústias existenciais das perguntas *de onde viemos e para onde vamos?*

Se, por um lado, a crítica moderna à paternidade como autoridade opressiva pode ter sua pertinência, por outro, certamente a desapareção do pai deixa um vazio impreenchível na mente e no coração de nossos contemporâneos. Superar a autoridade de um pai opressor hoje deveria ser, então, em termos teológicos, recuperar o sentido e o significado mais autêntico da paternidade de Deus, para além de todas as debilidades referentes, simbólicas e litúrgicas. Para superar o mal-estar geral de uma cultura que vive em curto circuito com os seus próprios fundamentos radicais, importa resgatar as raízes bíblicas da revelação de Deus como Pai que se manifesta luminosamente no Filho de Deus, Jesus Cristo.

Na verdade, enquanto celebramos o Dia dos Pais com mais um frenesi de consumo estéril, seria talvez tempo de nos perguntarmos se a verdadeira emancipação que nos deixará livres não será aquela que o Filho pródigo descobriu quando voltou à casa do Pai, ao lar onde, por causa do amor que aí reinava, a ordem não era nem de dominação, nem de liberdade anárquica, mas somente de comunhão